

A primeira entre as mortais: efeitos de sentido produzidos nas Olimpíadas de Paris

*Fabio Scorsolini-Comin*¹

*Soraya Maria Romano Pacífico*²

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar os efeitos de sentido produzidos nos discursos midiáticos sobre a participação das atletas Simone Biles e Rebeca Andrade nas Olimpíadas de Paris 2024, com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa. Tais discursos midiáticos foram acessados pelas formulações veiculadas na mídia on-line do Portal UOL. Por mais que o sujeito-atleta Biles tenha sido posicionado em sua condição de vulnerabilidade na discussão sobre a saúde mental no esporte, as formulações produzidas nos jogos de Paris permitiram a circulação de um sentido sobre-humano acerca da atleta, o que faz ranger a estrutura discursiva que, outrora, aproximava-a de todos os atletas, discursivizados como mortais. Acerca do sujeito-atleta Rebeca, as formulações produzidas, acompanhando o seu percurso vitorioso em Paris, permitiram a transição de uma discursivização que a comparava estrita e insistentemente à Biles para formulações que posicionam a brasileira como protagonista no cenário esportivo do Brasil. Assinalamos, com isso, que os discursos produzidos pela mídia analisada permitem, ao mesmo tempo, dois movimentos distintos: em primeiro lugar, o que retoma sob a forma de um já-dito, evocando sentidos já cristalizados, a despeito da ruptura iniciada com a inclusão da pauta da saúde mental; e, em segundo lugar, a impermanência dos discursos, o que permite ao sujeito-atleta Rebeca Andrade ser discursivizado em direção ao protagonismo nas Olimpíadas de 2024.

Palavras-chave: Análise do discurso. Discurso. Jogos olímpicos. Ginástica artística

Data de submissão: setembro. 2024 – Data de aceite: agosto. 2025

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v22i1.16273>

¹ Psicólogo e linguista. Mestre, Doutor e Livre-Docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica e do Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da USP e da EERP-USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. <https://orcid.org/0000-0001-6281-3371> E-mail: fabio.scorsolini@usp.br

² Linguista. Mestra em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora em Psicologia e Livre-Docente em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora Associada do Departamento de Educação, Informação e Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0002-2973-3254> E-mail: smrpacifico@ffclrp.usp.br

Introdução

Os Jogos Olímpicos representam o maior evento esportivo mundial. Tal evento se apresenta como um campo discursivo no qual diferentes sentidos e efeitos de sentido podem ser estudados e problematizados. As olimpíadas, tal como as conhecemos na era moderna, no entanto, ancoram-se na tradição grega, em um interesse que foi capitaneado por Pierre de Coubertin, dando origem à primeira edição dos jogos no ano de 1896. Os jogos olímpicos ocorrem a cada quatro anos, respeitando o calendário grego em que se baseia. Segundo Rubio (2010), ao longo dos séculos XX e XXI, os jogos passaram por diferentes fases, incorporando discussões não apenas esportivas, mas também de ordem política e cultural. Assim, deve-se considerar a interrelação entre diferentes marcadores, como os de raça/cor, gênero e condições socioeconômicas, por exemplo. No caso do presente estudo, nosso prisma analítico recai sobre a linguagem, especificamente sobre o discurso. Nesse campo, é mister compreender que tanto imagens como formulações verbais atuam como indícios sobre os quais o analista de discurso produz gestos de interpretação (Araújo *et al.*, 2022).

Em que pese o fato de os jogos olímpicos nem sempre terem permitido a participação feminina, na atualidade observamos a assunção de um movimento que não apenas tem valorizado a presença das atletas, como tem permitido a discursivização do protagonismo feminino tanto em modalidades exclusivas como em esportes tradicionalmente dominados por homens, como no caso do futebol. Em 2024, pela primeira vez na história, o número de atletas mulheres superou o de homens, o que foi celebrado como um movimento importante no sentido de valorização e reconhecimento da contribuição das mulheres não apenas para o esporte, mas para todo o contexto social e político que atravessa esse evento global.

Segundo Goellner (2016), os Jogos Olímpicos funcionam como um espaço de produção de corpos generificados. Amparados nas reflexões dessa autora, podemos afirmar que, no caso de modalidades tipicamente ligadas a um determinado gênero, como a ginástica artística feminina, devemos considerar que a categoria gênero refere-se à construção de feminilidades ou de representações sobre o feminino que podem sustentar movimentos como os de sexualização, erotização e deformação dos corpos para possibilitar a execução de exercícios, o que afeta determinadas representações que normalizam ou autorizam expressões e performances desses corpos.

Um dos esportes que mais tem permitido a discussão sobre o protagonismo feminino é a ginástica artística. A ginástica artística feminina sempre despertou o interesse do público, aspecto este que vem sendo ampliado na contemporaneidade em função da ascensão de figuras de renome mundial, como a ginasta Simone Biles. No caso brasileiro,

a análise dos últimos anos tem revelado o progresso das atletas em um contexto mundial, o que vem sendo celebrado, sobretudo, por meio da influência de figuras como Daiane dos Santos e, mais recentemente, de Rebeca Andrade.

No entanto, nesse campo, observamos diferentes discursos sendo produzidos, entre eles os capitaneados pela imprensa e os de cunho científico que buscam analisar, de fato, o modo como essa modalidade tem evoluído em nosso país. Muitas vezes, a discursivização acerca da ginástica artística brasileira acaba sendo atravessada por movimentos díspares, o que nos permite questionar, por exemplo, se a modalidade está em pleno avanço e de forma estruturada, ou se esse movimento é orientado pela ressonância da imprensa produzida por meio de resultados entusiastas, obtidos nos últimos anos (Schiavon *et al.*, 2013). Assim, é fundamental tensionar esse campo, bem como os discursos e seus efeitos.

A ginasta Rebeca Andrade tornou-se, nas Olimpíadas de Paris, em 2024, a atleta brasileira com mais medalhas olímpicas na história. Nas Olimpíadas de Tóquio, disputadas em 2021, em função da pandemia da covid-19 (Russo *et al.*, 2022), a ginasta conquistou duas medalhas, sendo um ouro no salto e uma prata no individual geral. Essas foram as primeiras medalhas olímpicas conquistadas na história da ginástica artística nacional. Em Paris, Rebeca conquistou um ouro no solo, duas pratas no individual geral e no salto e um bronze na competição por equipes, totalizando seis medalhas em sua carreira. Essa marca a coloca como a atleta brasileira mais vitoriosa em Olimpíadas, superando marcas conquistadas anteriormente por homens e sagrando-se como uma referência não apenas para a ginástica artística, como para o esporte de modo geral.

Rebeca Andrade tem sido alçada ao posto da principal rival da ginasta americana Simone Biles. Esta, em Tóquio, ficou notoriamente reconhecida por ter abandonado a competição em função de seu adoecimento psíquico. Com isso, deu visibilidade a uma pauta ainda pouco discutida no esporte, que é a saúde mental dos/das atletas (Tardelli *et al.*, 2021). A desistência de Biles em Tóquio, no entanto, não produziu ressonâncias apenas no campo da saúde mental, mas efeitos sobre as formulações acerca do desempenho das demais atletas diante da ausência da principal ginasta da atualidade. Simone Biles era, à época, a atual medalhista de ouro no individual geral, medalha conquistada nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016, o que a posicionava como a ginasta mais completa do mundo.

Em Tóquio, ainda em um contexto marcado pela pandemia, outras atletas protagonizaram a competição, promovendo efeitos como a relativização das conquistas dessas atletas em função da ausência de Biles. À época, por exemplo, aventou-se que o vitorioso desempenho de Rebeca Andrade teria ocorrido em função do abandono da competição por Biles, excluindo da competição sua ginasta mais competitiva. Essa formulação promove, como efeito, o descrédito da conquista de Rebeca, inédita na ginástica

feminina brasileira. Tal circulação ganhou força novamente com a disputa direta entre as atletas por ocasião das Olimpíadas de Paris, que celebrou novamente o fenômeno Simone Biles em seu retorno às competições após um ciclo olímpico dedicado à sua recuperação.

Considerando que os discursos - entendidos aqui, conforme Pêcheux (1993; 1995), como efeitos de sentido produzidos pelos interlocutores -, produzidos sobre o esporte e sobre essas atletas não são neutros, mas atravessados por diferentes elementos de ordem social, política, econômica e cultural, o que coloca em tela temas como o feminismo, o racismo, o feminismo negro e a sororidade, entre outros, o presente estudo tem como objetivo analisar os discursos midiáticos sobre a participação das atletas Simone Biles e Rebeca Andrade nas Olimpíadas de Paris 2024, com base nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) (Pêcheux, 1995). Tais discursos midiáticos serão acessados pelas formulações veiculadas na mídia *on-line* do Portal UOL. Destacamos que Simone Biles e Rebeca Andrade serão referidas, aqui, como sujeito-atleta Simone Biles e sujeito-atleta Rebeca Andrade, pois para a Análise do Discurso o conceito de sujeito é primordial, entendido como um efeito do discurso, e não um sujeito empírico, mas sim, uma posição ocupada pelo indivíduo que, interpelado pela ideologia, produzirá determinados efeitos de sentido, a partir de determinada posição social (Pêcheux, 1995).

[...] uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o “sujeito” ideológico como “sempre-já dado”: na verdade, e isso por razões imperiosas que dizem respeito à intrincação dos diferentes elementos que acabamos de enunciar, essa teoria não pode, se deseja começar a realizar suas pretensões, dispensar uma teoria (não-subjetivista) da subjetividade (Pêcheux, 1995, p. 131).

Pêcheux (1995), com base na teoria psicanalítica de Lacan, ensina-nos que o sujeito é clivado, dividido, heterogêneo, por isso, não pode ser entendido como um sujeito uno, pronto e acabado, um sujeito com nome e sobrenome que sempre responderá e produzirá os mesmos sentidos, independentemente das condições de produção, da relação com o interlocutor. Isso também explica o motivo de determinadas mídias (re)produzirem determinados sentidos e não outros, ou seja, os sentidos que circulam nas mídias corporativas não são os mesmos que circulam nas mídias alternativas, por exemplo (Pacífico, 2024).

1 Método

O *corpus* do presente estudo foi composto por meio da análise de enunciados veiculados no Portal UOL sobre a participação da atleta Rebeca Andrade, nos jogos olímpicos de Paris, no mês de agosto de 2024. O UOL é considerado um dos maiores portais

de notícias do Brasil, sendo ligado ao Grupo Folha, também responsável pela veiculação da Folha de S. Paulo. O UOL (Universo Online) é uma empresa brasileira de conteúdo, produtos e serviços de internet do Grupo UOL PagSeguro, e, importante destacar que se trata de uma mídia corporativa, que representa os interesses da classe dominante.

De acordo com Pêcheux (1995), o lugar social de onde são produzidos os discursos interfere nos sentidos construídos, pois esse lugar compõe o que o autor chama de condições de produção, que são as circunstâncias de um discurso, as quais englobam a relação dos interlocutores, o contexto imediato e o sócio-histórico, a luta de classes, o funcionamento da ideologia. Disso decorre que, para teoria discursiva, a análise de um texto não se reduz à análise de sequências linguísticas, pois um texto sempre remete a um conjunto de discursos possíveis de acordo com suas condições de produção. Com isso, a AD acrescenta, na análise de textos, a noção de formação discursiva e de interdiscurso, mostrando que existe algo que é anterior, chamado de já-lá e exterior à produção e à leitura de textos e o sentido depende da relação do sujeito com isso tudo.

O já-lá, o interdiscurso - entendido como 'todo complexo com dominante' das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas (Pêcheux, 1995, p. 162).

Com base nesses conceitos, o discurso jornalístico, aqui, é compreendido não como uma representação fixa e transparente, mas um campo polissêmico e aberto ao contraditório. Amparada nas concepções de Pêcheux sobre discurso e linguagem, Pacífico (2024) assevera que as práticas discursivas veiculadas por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação, entre as quais destacamos os veículos de imprensa que mantêm uma constante atualização de notícias em seus portais eletrônicos, como o caso do Portal UOL, constroem enunciados na contemporaneidade. Esses enunciados estão sempre em revisão, motivo pelo qual a formulação de uma dada notícia não é neutra, mas pode ser constantemente revisitada por seus editores em função de diferentes movimentos, como a necessidade de corrigir ou acrescentar um sentido, por exemplo. Esse movimento nas malhas do digital é diferente do observado na mídia impressa. Assim, os portais de notícias, como o aqui analisado, reforçam a perspectiva de que a mídia é um terreno arenoso, opaco e contraditório (Pacífico, 2024), podendo ser sempre revisitado pelo analista do discurso. Ainda nessa perspectiva, é importante considerar que o modo como as notícias são veiculadas – e como os discursos são produzidos nesses espaços – faz com que eles sejam atravessados por diferentes tensões, indiciando movimentos e gestos interpretativos que não são produzidos a despeito de como tais veículos se apresentam em termos ideológicos.

Nesse bojo, destacamos que a AD trabalha com a noção de recortes, entendidos com

sequências discursivas que funcionam em batimento com os discursos nos quais elas circulam e remetem ao *corpus* analisado. Dessa forma, antecipamos que os recortes foram produzidos por meio do acesso ao Portal UOL após as principais provas realizadas pela atleta brasileira, que resultaram na conquista de quatro medalhas olímpicas. Foram analisadas matérias de “capa” veiculadas no portal, bem como colunas assinadas por especialistas no campo esportivo.

“Nessa perspectiva, um corpus é um sistema diversificado, estratificado, disjunto, laminado, internamente contraditório, e não um reservatório homogêneo de informações ou uma justaposição de homogeneidades contrastadas” (Pêcheux, 2011, p. 165). Para a produção do *corpus* e seleção dos recortes, consideramos os que não recobriram exclusivamente textos verbais, mas também imagens que, em conjunto, permitem uma análise mais aprofundada acerca dos efeitos de sentidos disparados por essas formulações, pois, segundo Orlandi (1995), o verbal e o não verbal são matérias significantes e reclamam gestos de interpretação. O material foi cotejado por meio dos dispositivos da análise do discurso pecheutiana, sobretudo problematizando os efeitos de sentido produzidos pelas formulações veiculadas.

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (Pêcheux, 1999, p. 14).

A coleta de dados ocorreu no início do mês de agosto de 2024, período no qual foram realizados os jogos olímpicos e, especificamente, em que foram disputadas as provas da ginástica artística feminina.

2 Resultados e Discussão

Analisemos, primeiramente, os efeitos de sentido indiciados na matéria de capa veiculada pelo Portal UOL, logo após a conquista da medalha de prata no individual geral por Rebeca Andrade, ocorrida no dia 01 de agosto de 2024. Com esse resultado, a ginasta brasileira repetiu a inédita medalha alcançada em Tóquio, há três anos. No entanto, em 2021, não houve o confronto direto entre as principais ginastas da atualidade, Simone Biles e Rebeca Andrade. À época, a medalha de ouro foi conquistada pela ginasta norte-americana Sunisa Lee. Na decisão da atual medalha, em Paris, a também norte-americana Simone Biles sagrou-se campeã, sendo considerada a ginasta mais completa do mundo. Na Figura 1, podemos observar diferentes formulações diante desse evento, tanto na

matéria de “capa” do portal como nas demais notícias associadas à principal.

Na formulação principal, veiculada logo após a competição, junto à imagem de Rebeca Andrade “beijando” a medalha de prata, emerge a formulação “Primeira entre as mortais!”. Essa mesma formulação também foi registrada na coluna assinada por Demétrio Vecchioli, do Portal UOL. Formulação semelhante também foi registrada por outro colunista desse portal, Rodrigo Barradas, que enuncia “Rebeca Andrade é a maior entre as mortais; ETs não contam”. Essa variação da primeira formulação pode ser observada na Figura 2. A Figura 3, por sua vez, apresenta mais uma variação, reproduzida na coluna assinada por Alicia Klein: “Rebeca é a melhor ginasta do mundo, entre as humanas”.

Diante da primeira formulação retratada no presente artigo, diferentes efeitos podem ser produzidos. Um deles refere-se ao fato de Rebeca ter recebido a medalha de prata, ou seja, classificou-se em segundo lugar no conjunto de aparelhos ginásticos, informação corroborada pela imagem da atleta junto à medalha atribuída a quem se classifica na segunda colocação em uma disputa. No entanto, a formulação destaca outra posição atribuída à Rebeca, a do primeiro lugar. Mas não se trata de qualquer primeiro lugar: é um primeiro lugar entre as mortais. Considerando o contexto de produção desse enunciado, podemos interpretar que a formulação indica que Rebeca ocuparia a primeira colocação caso não houvesse a presença de Simone Biles ou, ainda, se a competição tivesse sido disputada apenas entre mortais, categoria a qual a atleta norte-americana não pertenceria. Entre as pessoas consideradas mortais, Rebeca seria a campeã. Decorrente dessa interpretação, Rebeca seria a campeã caso uma não mortal não tivesse competido, ou seja, caso Simone Biles não estivesse presente.

Figura 1: Matéria de capa do Portal UOL após a conquista da medalha de prata por Rebeca Andrade no individual geral



Essa interpretação retoma o que foi discursivizado em Tóquio, a de que Rebeca só havia conquistado medalhas (um ouro e uma prata) por não ter disputado tais medalhas diretamente com a atleta mais reconhecida da ginástica atual, Simone Biles. A atleta norte-americana é alçada, pois, à posição de uma imortal, retomando o sentido que circula sobre os jogos olímpicos que, em sua origem, estavam ligados à mitologia grega, conhecimento este que separava o mundo dos deuses, os imortais, dos de quem não conquistaram o Olimpo, os mortais. Tal formulação, embora possa indiciar uma aparente tentativa de a mídia brasileira valorizar a conquista da atleta brasileira, a posiciona como alguém incapaz de alçar a posição imortal, olímpica e não humana ocupada por Biles. Assim, ao invés de um efeito de valorização de seu feito, inclusive em uma perspectiva de regularidade em relação aos jogos olímpicos anteriores, sustentando a medalha de prata no individual geral, o que ocorre é uma subcategorização do desempenho de Rebeca Andrade. Ao associá-la a uma atleta mortal, humana, também se valoriza o protagonismo de Biles na competição. Biles, com essa conquista, não poderia mais ser comparada às demais, sendo posicionada

em uma categoria inatingível, reservada apenas aos imortais e aos deuses, em uma alegoria aos jogos de tradição helênica.

Esse processo discursivo deve ser interpretado por meio dos deslizamentos, das metáforas usadas para se referir aos dois sujeitos-atletas em relação a ser mortal ou imortal, ser terrestre ou extraterrestre, ser humano ou super-humano, um herói ou não. Esses jogos metafóricos empregados para se referir à atleta brasileira ou à americana sustentam-se nos sentidos já produzidos historicamente, isto é, o interdiscurso, no qual “residem” as formações discursivas que podem ser retomadas, confirmadas, negadas, ressignificadas, enfim. Como afirma Pêcheux (2011, p. 158, grifos do autor):

Nessa perspectiva, o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se então seu princípio de funcionamento: é *porque* os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.

No discurso em análise, Biles é posicionada em uma categoria habitada por ela e por seres que não existem em nossa realidade concreta, como os extraterrestres referidos na formulação produzida por Rodrigo Barradas (Figura 2), o que também traz, para a formulação, um efeito de humor.

Figura 2: Título de artigo de opinião produzido por Rodrigo Barradas, veiculado pelo Portal UOL após a conquista da medalha de prata por Rebeca Andrade no individual geral. Coluna publicada em 01 de agosto de 2024.



Fonte: Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2024/08/01/rebeca-andrade-e-a-maior-entre-as-mortais-ets-nao-contam.htm>. Acesso em: 19 ago. 2024.

A interpretação de que Rebeca seria a primeira entre as mortais pode ser reforçada pela formulação que dá título a outra matéria veiculada pelo mesmo portal e, também, presente na Figura 1. Nessa formulação, ao recortar um trecho de uma entrevista concedida pela atleta brasileira Flavia Saraiva, que também disputou a mesma prova na qual Rebeca recebeu a prata, destaca-se: “Prata que vale ouro, porque essa menina é muito guerreira”. O leitor pode se questionar: como assim? Em que situação prata pode (equi)valer ouro? No sistema capitalista, pelas “leis” do mercado, essa formulação seria possível? No discurso da química seria? Todavia, no discurso jornalístico em análise, interpretamos que essa formulação constrói uma metáfora que se aproxima do sentido que coloca em suspenso as posições de primeiro e segundo lugares. Se, na formulação da matéria principal, Rebeca ocupa a posição de primeira entre as mortais, na outra formulação em destaque ocuparia também a primeira posição, de que o seu segundo lugar na competição teria um valor simbólico de ouro, de que o seu segundo lugar equivaleria, pois, ao primeiro.

[...] a metáfora aparece fundamentalmente como uma *perturbação* que pode tomar a forma do lapso, do ato falho, do efeito poético, do Witz ou do enigma. A metonímia apareceria ao mesmo tempo como uma tentativa de “tratar” esta perturbação, de *reconstruir* suas condições de aparecimento, um pouco como um biólogo reconstrói conceptualmente o processo de uma doença para intervir sobre ela” (Pêcheux, 2011, p. 160, grifos do autor).

No discurso analisado, a metáfora de prata deslizando para o valor de ouro indicia que, conforme preconiza Pêcheux (1995), o sentido sempre pode vir a ser outro, que, apesar de a língua ser a mesma em termos de sistema linguístico, as palavras criam outros efeitos de sentido, evocam outras formações discursivas a partir de onde são pronunciadas. A mídia tem uma voz de autoridade, tem o poder de (de)formar determinados sentidos, e, sendo assim, ela tanto pode reduzir a performance de uma atleta, como também, pode elevá-la à condição de imortal, a melhor de todas, conforme estamos argumentando.

Na formulação presente na coluna de Alicia Klein (Figura 3), destaca-se que “Rebeca Andrade é a melhor ginasta do mundo, entre as humanas”. A competição do individual geral é a que consagra a ginasta mais completa da competição, isso porque a nota final é composta pelo desempenho obtido em todos os aparelhos da ginástica feminina (salto sobre a mesa, trave de equilíbrio, paralelas assimétricas e solo). Assim, o que se formula como a ginasta mais completa do mundo equivale à formulação presente na coluna em análise, ou seja, “a melhor ginasta do mundo”. Em que pese, portanto, o fato de a melhor ginasta do mundo ser a que conquista a medalha de ouro, obtendo a maior pontuação nesse conjunto de aparelhos, a formulação, recorrendo ao deslizamento metafórico, subverte esse gesto interpretativo ao propor que Rebeca Andrade, medalha de prata, é a campeã, ou “a melhor ginasta do mundo”. Nessa formulação, no entanto, a vírgula após o

enunciado de “a melhor ginasta do mundo” indicia uma reserva a essa afirmação inicial, um senão: “entre as humanas”.

Figura 3: Título de artigo de opinião produzido por Alicia Klein, veiculado pelo Portal UOL após a conquista da medalha de prata por Rebeca Andrade no individual geral. Coluna publicada em 01 de agosto de 2024.



Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/alicia-klein/2024/08/01/rebeca-andrade-e-a-melhor-ginasta-do-mundo-entre-as-humanas.htm>. Acesso em: 19 ago. 2024.

Tal formulação repete o que foi discursivizado nos enunciados presentes nas Figuras 1 e 2, reforçando o modo como a mídia posiciona Rebeca como campeã na categoria das mortais ou das humanas, e, Biles, como a campeã entre os imortais, entre os deuses, em uma categoria que não poderia ser alcançada por outra pessoa que não a própria Biles. O efeito de sentido, portanto, é a de perpetuação de duas categorias fixas que não permitem a transição das atletas: Simone, uma imortal, não poderia ser associada a um mundo eminentemente humano, compondo, sozinha, uma categoria; Rebeca, no entanto, não podendo ser uma imortal, deveria ser posicionada entre as humanas, liderando a categoria inferior ao mundo dos deuses. A formulação desses dois mundos (categorias) parece reforçar os sentidos de desempenho, de qualidade e de competitividade entre as atletas, sendo o imortal o mundo inatingível, o mundo dos deuses só acessível a pessoas sobre-humanas como Biles. A norte-americana estaria, pois, no Olimpo, em uma

posição que não poderia ser ameaçada por uma não mortal como Rebeca.

Embora, na prática, as diferenças numéricas entre os desempenhos das atletas em tela sejam reduzidas, fato observado também em diversas outras modalidades, tais sujeitos são posicionados em categorias – e mundos – distantes. A diferença numérica entre as notas das atletas, existente na materialidade discursiva, não compõe um indício para uma classificação ou uma categorização mais normativa, como ocorre no ranking de uma competição (Simone Biles obteve média final 59,131 e ficou em primeiro lugar e Rebeca Andrade, em segundo, teve média 57,932). Em termos discursivos, o efeito produzido é o de diferenciação, permitindo, à primeira, o Olimpo, e, à segunda, o mundo dos humanos, dos mortais. A não porosidade entre esses mundos também produz, como efeito, que Biles sempre será legitimada como uma atleta com um desempenho inalcançável, imbatível e incomparável, o que também “aprisiona” a discursivização de Rebeca Andrade como alguém que, no máximo, pode ser a campeã em uma categoria inferior, a dos humanos, disputando com outros pares, igualmente humanos.

Essa formulação que associa Biles ao mundo não humano contrasta com o modo como esse sujeito foi discursivizado ao desistir das Olimpíadas de 2020, realizada em 2021. À época, Biles foi reconhecida como uma atleta que teve coragem de assumir a sua fragilidade e a sua vulnerabilidade, afastando-se da competição (Vasques; Mariante Neto; Gaio; Cardoso, 2022). Ao reconhecer que precisava cuidar de sua saúde mental, trazia à baila, justamente, a sua dimensão humana, mortal. Ao aventarmos que o sofrimento psíquico da atleta, em Tóquio, poderia estar associado, em alguma medida, aos efeitos da pressão e das cobranças recebidas em função de seu excelente desempenho nos jogos anteriores, realizados no Brasil, há que se considerar que os jogos de 2024 posicionaram-na, novamente, como imortal, ao contrário de como fora discursivizada em 2021, o que a aproximava não apenas das demais atletas, como de toda uma classe de esportistas engajados na pauta da saúde mental no esporte. Assim, do ponto de vista discursivo, podemos indiciar que o sujeito-atleta Biles foi posicionado como mortal apenas quando assumiu a sua condição psíquica.

A mídia pode ser considerada um dispositivo na medida em que atua como uma rede na qual se podem tecer ou destecer inúmeros sentidos de acordo com a disputa das formações discursivas em jogo, que vão determinar quais sentidos devem permanecer na ordem do discurso, quais devem ser transformados e quais devem ser apagados. Na verdade, o dispositivo não é a mídia, ele está na mídia, funciona na mídia, assim como ele funciona na lei, nos enunciados científicos, na arquitetura. A mídia, portanto, faz funcionar um dispositivo de poder dizer e ou silenciar (Pacífico, 2024, p. 40-41).

Mesmo com todo o debate disparado em função de seu afastamento do esporte em 2021, a formulação que a associa à imortalidade e ao mundo dos não humanos parece ter

se cristalizado em 2024, movimento reforçado e capturado, no presente estudo, pela mídia jornalística. Com isso, o sujeito-atleta Biles parece ter transitado por entre os mundos – ou pelas posições discursivas – entre o Olimpo e o mundo humano ao longo das últimas três olimpíadas. No entanto, pelo conjunto de sua obra ao longo dessas e outras competições, parece ter se assujeitado à formação discursiva dominante que a associa, pois, ao mundo dos imortais, dos deuses, em uma metáfora palatável dentro do simbolismo dos jogos olímpicos. Embora estejamos nos jogos da chamada era moderna, em que apenas o mundo material e humano passa a operar, o efeito que separa ambos os mundos parece ser reforçado com tais formulações, perdurando no imaginário sobre as Olimpíadas. Se os jogos propiciam a emergência de figuras alçadas a uma condição ou característica sobre-humana, os slogans e o discurso jornalístico, de um modo geral, parecem reforçar esse imaginário, o que se materializa no modo como a mídia discursiviza e apresenta, pois, o sujeito-atleta Simone Biles e o sujeito-atleta Rebeca Andrade. Em que pesem os efeitos possivelmente deletérios dessa associação, como materializado no contexto do adoecimento mental de Biles, esses discursos parecem circular a despeito das possíveis ressonâncias em termos da saúde mental, reforçando discursos sobre estereótipos e estigmas que se cravam, no campo esportivo, sobre as noções de desempenho, performance e alto rendimento altamente evocadas nos jogos olímpicos.

Por fim, a Figura 4 traz a reprodução de duas matérias veiculadas pelo Portal UOL. À esquerda da imagem, há a reprodução de uma foto de Rebeca Andrade ao receber a sua quinta medalha olímpica (prata no salto sobre a mesa), o que a consagrou como a recordista de pódios entre os atletas brasileiros de todos os tempos. Na imagem à direita, há a reprodução de um cartaz produzido pela Folha de S. Paulo que enuncia: “Maior medalhista do Brasil – Rebeca Andrade – 2 ouros – 3 pratas – 1 bronze”, produzido após a atleta receber a sua sexta medalha olímpica (ouro no solo).

Figura 4: Matérias veiculadas pelo Portal UOL após a conquista da medalha de prata no salto sobre a mesa (à esquerda) e da medalha de ouro no solo (à direita).



Fonte: Disponível em: <https://www.uol.com.br/>. Acesso em: 05 ago. 2024.

Na imagem da esquerda, observamos uma formulação que não é construída tendo como referência a atleta norte-americana, como analisado nos recortes anteriores, mas comparando Rebeca Andrade com os atletas brasileiros. Com o maior número de medalhas olímpicas na história do esporte brasileiro, o sujeito-atleta é discursivizado como “a maior”. Essa formulação emerge após as duas últimas conquistas de Rebeca, a prata no salto sobre a mesa e o ouro no solo, esta última conquistada em um embate direto com Simone Biles. Um gesto interpretativo possível é o de que, com a conquista de outras duas medalhas, sendo uma delas sobre a maior ginasta da atualidade, o sujeito-atleta Rebeca afasta-se da formulação outrora construída, de ser a “primeira entre as mortais”, para ser, unicamente, “a maior”. A posição de destaque alcançada ao final de todas as competições da ginástica artística em Paris, conquistando quatro pódios, como Biles, permite uma formulação diferente da anterior, não mais comparando o sujeito-atleta Rebeca com a rival direta, mas cravando a representação daquela como a maior atleta brasileira de todos os tempos em jogos olímpicos.

Aventamos que essa formulação, “a maior”, também é reforçada pelo fato de, em um dos confrontos diretos com Biles, Rebeca ter conquistado o ouro. A conquista do ouro no

solo, ocorrida no dia 05 de agosto de 2024, também foi acompanhada pelo histórico gesto de suas adversárias no pódio, Simone Biles (prata) e Jordan Chiles (bronze), que reverenciaram Rebeca Andrade no topo. O gesto foi considerado não apenas um reconhecimento pela conquista da atleta brasileira, mas uma representação do espírito esportivo e de celebração da união entre os povos, de respeito ao outro e de sororidade entre as mulheres, atitude que reverberou em diferentes mídias, no Brasil e no exterior.

O pódio, nesse sentido, pode emergir, na presente análise, como uma alegoria do modo como o posicionamento discursivo opera. Ao receber a prata em duas disputas diretas com o sujeito-atleta Simone Biles (no salto e no individual geral), o sujeito-atleta Rebeca era posicionado, discursivamente, não apenas como o segundo lugar no embate com a maior atleta da ginástica feminina contemporânea, mas como a primeira em uma subclassificação que concedia ao sujeito-atleta Biles um lugar exclusivo entre os deuses olímpicos, relegando o sujeito-atleta Rebeca a uma posição de destaque apenas entre os mortais, uma subcategoria olímpica. Ao igualar o número de medalhas conquistados por Biles, em Paris (quatro), assumindo o protagonismo na disputa do solo, a última competição da ginástica desses jogos, o sujeito-atleta Rebeca alcança a possibilidade de ser discursivizada não apenas em relação à atleta norte-americana, mas tendo como referência o cenário esportivo brasileiro, “a maior” atleta brasileira em Olimpíadas. Assim, rompe a borda por entre as formulações exclusivas do mundo da ginástica, ampliando o seu alcance para todo o contexto brasileiro, um país que, tradicionalmente, nunca teve a ginástica artística como uma prioridade em seus investimentos ou como uma prática esportiva popular (Schiavon et al., 2013). Ao subir ao topo do pódio, o sujeito-atleta Rebeca, discursivamente, permite a emergência de uma nova formulação, posicionando-a não mais como a primeira em uma subcategoria, mas como “a maior”, o que permite o extravasamento por entre as bordas classificatórias típicas das práticas esportivas.

Considerações Finais

No presente estudo, foram discutidos os efeitos de sentidos produzidos em relação a Simone Biles e Rebeca Andrade, ao ocuparem a posição discursiva de sujeito-atleta, durante as Olimpíadas de Paris, em 2024. Para tanto, nosso recorte recobriu matérias e colunas veiculadas pelo Portal UOL, após as conquistas das atletas. Os sentidos em disputa apresentam, em um primeiro momento, a comparação de Rebeca Andrade frente à atleta Simone Biles, dos Estados Unidos, sendo esta alçada a uma categoria superior à brasileira, em uma posição que a aproxima de figuras não humanas e imortais, como o mundo dos deuses da tradição helênica. Essas formulações circularam na mídia em tela sobretudo após a conquista da medalha de prata pela atleta brasileira na disputa pelo

individual geral, competição que consagra, nos jogos olímpicos, a ginasta mais completa de cada edição. Em Paris, a medalha de ouro foi conquistada por Simone Biles, reforçando o sentido de que a atleta seria incomparável ou inalcançável em seu alto desempenho, significado como sobre-humano. Mesmo com o expressivo desempenho de Rebeca, a atleta foi discursivizada como “a primeira entre as mortais”, indiciando que estaria em uma categoria distinta e inferior à da norte-americana.

A formulação produzida sobre o sujeito-atleta Simone Biles como uma imortal ou uma sobre-humana contrasta com o modo como foi discursivizada por conta do abandono das Olimpíadas de Tóquio, em 2021, em que a atleta se afastou da competição por motivos de saúde mental. Ao colocar em destaque a necessidade de os atletas e as atletas de diferentes modalidades cuidarem da saúde mental, o sujeito-atleta Simone Biles permitiu que essa pauta pudesse ser mais bem discutida nesse meio, aproximando a sua imagem da de uma pessoa eminentemente humana, mortal, que possui conflitos, necessidades e pode estar em vulnerabilidade, devendo ser apoiada e cuidada. O retorno de Biles às Olimpíadas de Paris, em 2024, no entanto, tensiona outros efeitos na mídia aqui analisada, retomando o sentido anterior da atleta como imortal. Na posição de imortal, afasta-se, portanto, a imagem da atleta que, a despeito desse reconhecimento e dessa associação, poderia também cuidar de sua saúde mental.

Em relação aos sentidos produzidos sobre o sujeito-atleta Rebeca Andrade, dois movimentos podem ser destacados. Após a disputa da final do solo, em que a brasileira se sagrou campeã, à frente do sujeito-atleta Biles, as formulações colocam em destaque não mais a rivalidade entre as ginastas, mas a representação e o pioneirismo do sujeito-atleta Rebeca Andrade no cenário olímpico brasileiro, uma vez que a atleta alcançou, em 2024, o recorde de medalhas obtidas por um atleta brasileiro ao longo de todas as edições dos jogos. Diante desse feito, o sujeito-atleta Rebeca é discursivizado, no mesmo veículo analisado, como “a maior”, o que promove uma disputa em relação às formulações anteriores. Aventamos, aqui, que o progresso do sujeito-atleta Rebeca na competição, alcançando mais duas medalhas após a prata no individual geral, catapultou a sua representação para além de uma rivalidade dentro de sua modalidade, promovendo a ressonância de sua imagem no esporte brasileiro para além das barreiras da ginástica ou da noção de gênero.

Em conclusão, afirmamos que o modo como a mídia jornalística discursiviza os sujeitos Simone Biles e Rebeca Andrade, quando ocupam a posição sujeito-atleta, nem sempre permite um reposicionamento dessas figuras, uma vez que o discurso midiático tem poder para dizer e silenciar sentidos (in)desejados em dado contexto sócio-histórico. Assim, por mais que Biles tenha imprimido a necessidade de reflexão sobre a saúde mental no esporte, as formulações após as duas primeiras medalhas de ouro conquistadas em

Paris permitiram a circulação de um sentido sobre-humano acerca da atleta, o que faz ranger a estrutura discursiva que, outrora, a aproximava dos mortais e de todo o coletivo de atletas. Isso indicia um movimento de retorno a formulações já cristalizadas que associavam o sujeito-atleta Biles a um desempenho que não poderia ser atingido por outras atletas, em uma metáfora de um desempenho para além do esperado para pessoas consideradas “mortais”.

No caso do sujeito-atleta Rebeca, as formulações produzidas, acompanhando o seu percurso vitorioso em Paris, permitiram uma transição de uma discursivização que a comparava estrita e insistentemente ao sujeito-atleta Biles para formulações que colocam em evidência o seu protagonismo no cenário esportivo brasileiro. Assinalamos, com isso, que a mídia analisada permite, ao mesmo tempo, dois movimentos distintos: em primeiro lugar, o que retoma um já-dito, o interdiscurso, evocando sentidos já cristalizados, a despeito da ruptura indicada com a inclusão da pauta da saúde mental; em segundo lugar, a impermanência dos discursos que permitem ao sujeito discursivizado, no caso a atleta Rebeca Andrade, mudar a sua posição discursiva, de coadjuvante de Biles à protagonista do esporte brasileiro.

The first among mortals: effects of meaning produced at the Paris Olympics

Abstract

This study aims to analyze the effects of meaning produced in media discourses on the participation of athletes Simone Biles and Rebeca Andrade in the 2024 Paris Olympics, based on the assumptions of French Discourse Analysis. These media discourses were accessed through formulations published in the online media of the UOL Portal. As much as the subject-athlete Biles has been positioned in her condition of vulnerability in the discussion about mental health in sport, the formulations produced at the Paris games have allowed a superhuman meaning to circulate about the athlete, which breaks down the discursive structure that once brought her closer to all athletes, discursivized as mortals. With regard to the subject-athlete Rebeca, the formulations produced to accompany her victorious journey in Paris allowed for the transition from a discursivization that strictly and insistently compared her to Biles to formulations that position the Brazilian as a protagonist on the Brazilian sports scene. We note, therefore, that the discourses produced by the media analyzed allow for two distinct movements at the same time: firstly, the resumption of what has already been said, evoking already crystallized meanings, despite the rupture indicated by the inclusion of the mental health agenda; and secondly, the impermanence of discourses, which allows the subject-athlete Rebeca Andrade to be discursivized towards protagonism in the 2024 Olympics.

Keywords: Discourse analysis. Discourse. Olympic games. Artistic gymnastics

Referências

ARAÚJO, É. D.; ARANTES, G. V.; SANTOS, M. B.; BARCELOS, S. C. Entre verbal e não-verbal: a representação da mulher no discurso do esporte. *RUA*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 149-165, 2022. DOI: 10.20396/rua.v28i1.8670132. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8670132>.

Acesso em: 20 ago. 2024.

GOELLNER, S. V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. *Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i108p29-38. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/118235>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, n. 1, p. 35-47, 1995.

PACÍFICO, I. M. R. A mídia como dispositivo de poder: os *impeachments* no Brasil em discurso. In: PACÍFICO, S. M. R.; SCORSOLINI-COMIN, F. (org.). *O discurso em nós: memória e subjetividade*. São Carlos: Pedro & João Editora, 2024. p. 31-50.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux: Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.

RUSSO, E.; FIGUEIRA, A. R.; KOGUT, C. S.; MELLO, R. D. C. D. The Tokyo 2020 Olympic Games: impacts of COVID-19 and digital transformation. *Cadernos EBAPÉ.BR*, v. 20, n. 2, p. 318-332, 2022. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210150x>

SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R.; TOLEDO, E.; DEUTSCH, S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 27, n. 3, p. 423-436, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000018>

TARDELLI, V. S.; PARMIGIANO, T. R.; CASTALDELLI-MAIA, J. M.; FIDALGO, T. M. Pressure is not a privilege: what we can learn from Simone Biles. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 43, n. 5, p. 460-461, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2021-0036>

VASQUES, D. G.; MARIANTE NETO, F. P.; GAIO, A. C.; CARDOSO, T. N. O “passo atrás” de Simone Biles: saúde mental e rendimento no processo civilizador. *Movimento*, Porto Alegre, v. 28, e28078, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.123674>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/V9jRwtSKZnK8Dg9n35g87XS/#>. Acesso em: 20 ago. 2024.